

# UMA REFLEXÃO SOBRE FILOSOFIA, TEMPO E MEMÓRIA EM SANTO AGOSTINHO

Leandro Tadeu Miranda

Aluno do Curso de Filosofia – Universidade Mackenzie

As percepções e indagações dos indivíduos entre os homens e o tempo, sempre estiveram presentes cotidianamente na vida dos homens. Os grandes Filósofos sempre colocam em dúvida a relação que os indivíduos estabelecem com o tempo no decorrer da sua história, seja o tempo caracterizado como passagem, com um perfil cíclico, como algo que remete à alma, ou algo ligado à existência e às divindades.

O tempo é, e sempre foi um aspecto filosófico que chama muita atenção dos filósofos e pensadores, e não é diferente no período de Agostinho. Aliás, não só para filósofos e cientistas, mas também, para o indivíduo comum, que pensa e constrói sua vida com a ideia de tempo concebida como alterações de momentos trazidas no presente, passado e futuro. Agostinho foi um dos grandes pensadores a lidar com este tema, e sua reflexão certamente vai além de qualquer limite da época e influencia pensadores nos dias atuais.

No livro XI de Confissões, Agostinho pensa e problematiza a questão do tempo e da eternidade, e nos alerta que a temporalidade está sempre relacionada ao homem, e assim, analisa a questão do tempo, levando em conta o aspecto psicológico. Afirma que, sem existência de Deus criador de tudo e do Verbo Divino, seria impossível refletir a questão da temporalidade, pois Deus é eterno e independe do tempo para existir. Deus fazia alguma coisa antes de criar o céu e a terra? O que é verdadeiramente o tempo? Esses são alguns de seus importantes questionamentos, no livro XI de Confissões. Segundo o autor, tudo o que é criado, qualquer matéria, louva a Deus como criador de tudo e mais uma vez reflete sobre a maneira como Deus fez e criou todas as coisas.

O pensamento filosófico de Agostinho em relação ao tempo é uma das mais importantes análises filosóficas da história. O modo como Agostinho expõe suas reflexões e questionamentos com relação ao tempo marca a reflexão ocidental ainda nos dias de hoje. Agostinho nos aponta algumas dificuldades principais ao falar sobre o tempo: não podemos medir, pois o tempo sempre nos escapa.

Como já foi dito, os indivíduos percebem o tempo três partes: passado, presente e futuro. A partir de nossa experiência, sabemos que esses três tempos são bem distintos. O passado é o tempo que sempre se afasta de nós, do que um dia já fomos e o que somos hoje, de nossa percepção; é tudo que já não é mais, simplesmente porque já se foi. Nomeamos de presente o agora, o tempo em que nossas vidas e experiências acontecem, no momento em que estão ocorrendo. O futuro é como o lugar onde estão finalizados todos os acontecimentos que presenciamos quando determinado período de tempo chegar a acontecer, por mais ou por menos extenso que seja.

Os questionamentos e reflexões sobre a memória são elementos de extrema importância na filosofia de Santo Agostinho, pois claramente falam sobre o tempo. Nós indivíduos somos e seremos sempre o que recordamos. Na obra *Confissões*, Santo Agostinho nos aponta o início de uma reflexão filosófica e sistemática de interioridade e memória. Para ele a memória é posta como uma busca interior, e pode ser pensada como uma busca de autoconhecimento.

A ideia cotidiana e mais ampla de memória que conhecemos por nós como a propriedade de tornar o se foi em presente. Existem alguns tipos de lembranças no nosso ser, e são apresentadas e caracterizadas pelo predomínio de algumas imagens: memória sensível, memória intelectual e memória afetiva. A memória é uma evocação do passado. É forma que capacita os humanos para retirar e guardar o tempo que se foi. Não podemos achar ou pensar que a nossa memória é um simples lembrar ou recordar das coisas, mas ela revelará uma das formas mais claras e fundamentais de nossa existência, e é onde está nossos laços com o tempo, e, no tempo, com aquilo que não podemos ver ou acessar, ausente e distante, isto é, o passado.

Nestas condições, a memória representa a forma e o exercício de reflexões por meio das recordações conscientes e é importante para o fenômeno do nosso autoconhecimento. Não podemos conhecer ou reconhecer se não vivemos ou recordamos, é como uma procura do nosso reconhecimento e entendimento. Talvez do entendimento de qualquer coisa que já foi vivida.

Portanto, podemos chegar à conclusão que, antes de Deus criar todas as coisas, não poderia existir nem o antes e nem o depois, estes surgiram a partir da consciência humana, é a partir desta que passamos refletir, dividir e tentar medir o tempo e nos esforçando para tentar nos aproximar das coisas eternas e, no entanto, vivemos presos ao presente ao passado e ao futuro.

Pois, o passado é a nossa história, também é nele que se encontram nossas vidas e muito do que somos e os acontecimentos que fizeram com que exista o presente, o agora. O futuro consiste nas expectativas do que ainda está por vir, ele ainda não existe, mas já faz parte da alma humana, é através dele que buscamos e esperamos a verdade.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução de J. Oliveira e Ambrósio Pina. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.



<http://revistapandorabrasil.com>